

A MITIFICAÇÃO DA AMÉRICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO NO PERÍODO DE CONQUISTA

Thiago Miguel Andreu*

Resumo

A América vista pelo outro e mitificada pelo outro, por meio do discurso construído pelo olhar deste desconhecido: o do europeu. Esta questão se posiciona nas produções literárias americanas desde a chegada dos colonizadores no Novo Continente e, porventura, se transformou em um dos eixos da literatura de feições fantásticas do século XX. Mas, como se configura, então, tal abordagem no discurso? Esta é a discussão que tentaremos travar neste artigo, a partir de um estudo dos procedimentos linguísticos e estilísticos adotados pelo enunciador, nos textos *Los cuatro viajes. Testamento* (1986), de Cristóbal Colón, *Historia general y natural de las Indias* (1851) de Gonzalo Fernández de Oviedo e *Comentarios Reales de los Incas* (1991) de Inca Garcilaso de la Vega. Tentaremos entender como se instaura a mitificação do continente americano no discurso das produções escritas no período da conquista. Para tal tarefa, pautamo-nos, em especial, nos postulados de Miguel León-Portilla (1975), Bella Jozef (1989) e Heloísa Costa Milton (2000) sobre o assunto.

Palavras-chave

Estilo; Literatura Hispano-Americana; Mito; Voz Discursiva.

Abstract

Latin America seen and mythified by the Other, through the discourse constructed by the foreign point of view: the European's point of view. This question stands in the literary productions since the arrival of colonizers in the New Continent, and perhaps turned into one of the axes of the literature with fantastic features in the twentieth century. How, then, is such approach configured in the discourse? This is the discussion we will try to develop in this article, from a study of linguistic and stylistic procedures adopted by the enunciator in *Los cuatro viajes. Testamento* (1986), by Cristóbal Colón, *Historia General y Natural de las Indias* (1851), by Gonzalo Fernandez de Oviedo, and *Comentarios reales de los Incas* (1991), by Inca Garcilaso de la Vega. We will try to understand how the mythification of the American continent is established in the discourse. For this, we will use, especially, postulates from Miguel León-Portilla (1975), Bella Jozef (1989) and Heloísa Costa Milton (2000).

Keywords

Discursive Voice; Hispanic-American Literature; Myth; Style.

* Mestre em Estudos Literários pela Unesp/Araraquara. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP/São José do Rio Preto. E-mail: thiagoandreu@hotmail.com

Introdução

Los cuatro viajes. Testamento (1986), de Cristóbal Colón, *Historia general y natural de las Indias* (1851), de Gonzalo Fernández de Oviedo e *Comentarios Reales de los Incas* (1991), de Inca Garcilaso de la Vega constituem três documentos, cujas estrutura e temática se aproximam do universo real e imaginário que se formou com a chegada do europeu em terras americanas, no fim do século XV. É possível afirmar que, a partir de um entendimento dos procedimentos linguísticos e estilísticos de tais textos, a compreensão dos fatos dessa urdidura se aclare, pelo menos parcialmente, já que constituem observações sobre o que realmente ocorreu no encontro destas duas culturas e não dos fatos em si. Tendo tal preceito como direcionamento, objetivamos analisar algumas aproximações que podem ser feitas entre eles, desde elementos da linguagem que, eventualmente, eles compartilhem.

O encontro entre o europeu e os ameríndios tornou-se um espaço de construções míticas para essas duas culturas. Na religião, por exemplo, enquanto os índios americanos acreditavam na chegada de deuses enviados dos céus, o homem branco se norteava pela criação de um paraíso bíblico, documentado e assegurado pela fé católica: a coincidência de tal encontro provocaria nos dois grupos certo fascínio pela comprovação da coerência de suas crenças, pois, enquanto os navegadores apareciam, naquele momento, como os deuses supostos pelos indígenas, de igual maneira, a exuberância da fauna e da flora americana, povoada por seres puros, indicava para a existência do éden acreditado na Europa. Seja em forma de “filhos do sol, os homens de cor clara” (LEÓN-PORTILLA, 1975, p. 61), para os maias ou, seja por intermédio de “homens disformes, pessoas monstruosas. De duas cabeças, mas um só corpo”, do presságio asteca (LEÓN-PORTILLA, 1975, p. 25), as intersecções entre os fatos e o mito se configuraram como uma abertura para as produções literárias ou, no caso desses documentos, histórico-literárias.

No que tange o efeito de tais possibilidades interpretativas, o fenômeno de enfrentamento entre essas duas esferas significava, naquele período, “uma ruptura drástica, pois desencadeou uma crise na historiografia vigente ao trazer o *novo* e o *desconhecido* para um mundo que, aparentemente, já estava mais ou menos conceituado e delimitado” (MILTON, 2000, p. 152), deslocando e renorteando os conceitos sociais e culturais estabelecidos tanto na América, quanto na Europa.

A natureza americana revelava aos que chegavam, algumas preciosidades como, por exemplos, a pedra esmeralda e a fruta abacaxi, até então desconhecida por eles. Neste tocante, é possível imaginar que, por serem objetos estranhos ou valorosos ao repertório europeu, torná-los conhecidos através da língua – espanhola – seria um dos processos empreendidos por tais desbravadores, como também, ocorreria a instauração de um ponto de vista europeu direcionado à realidade que se abria diante de seus olhos, transferindo ao continente americano o status de desconhecido ou insólito, pronto a ser nomeado; legitimando, por extensão, a ideia de que “o real americano só é maravilhoso se o considerarmos do ponto de vista não americano; para os americanos, é apenas o real” (PERRONE-MOISÉS, 1997, p. 252). O recurso de estilização, por sua vez, abria o horizonte da construção discursiva para o “real-mítico”: para o *locus* da linguagem, em que ocorre a intersecção do objeto e o efeito da aparição deste objeto desconhecido; tornando visível, no discurso, o resultado de um conflito entre o que se via e o que se pretendia ver.

A necessidade de encontrar possíveis nomenclaturas para os objetos e coisas da América, parecia ser apenas uma preocupação ou uma necessidade do europeu, com o propósito de documentar seu contato com tais elementos, mas, não teria o mesmo grau de importância, naquele momento, na concepção indígena sobre a sua realidade: “y en la fruta y en la flor, que ni los indios naturales los conocen, ni saben dar nombres a la mayor parte de ellos” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 329). O ponto de relevância dessa questão é a relação que ambos mantinham com esses objetos: para o europeu, os elementos encontrados se manifestavam como a matéria-prima que consolidaria o propósito de suas viagens e, portanto, quanto mais maravilhoso fosse o objeto encontrado, mais peso teria seu nome e sua importância, no retorno à Europa.

Nomear o que se vê pela primeira vez requer, algumas vezes, analogias estabelecidas entre o que já se conhece e o ser com que se entra em contato. Certos recursos como a comparação e a sinestesia podem auxiliar essa nomeação, indicando que haveria, nestas composições, uma tentativa de reproduzir em signos o que se vê pela primeira vez, por meio de um paralelo com elementos que já foram percebidos anteriormente, pelos cinco sentidos. Embora, reconhecemos que estes cinco sentidos pertençam, tão somente, ao primeiro nomeador, que supomos ser a voz do discurso presente nos textos que analisamos, sua contribuição nos desperta interesse analítico, uma vez que, especificamente nas produções escritas sobre o Novo Mundo, o ponto de vista assumido por esta figura teria passado por um ofuscamento do real, já que é possível notarmos o fascínio causado pelo objeto desconhecido, que direciona seu discurso.

Nessa linha de raciocínio, na medida em que haveria uma estilização do texto, ele tornar-se-ia menos objetivo, propondo estratégias discursivas que o deslocaria do descritivismo concreto e, assim, funcionaria também como uma manifestação artística, a partir do momento que concebêssemos “o contexto não anterior, mas concomitante ao signo; ele é a força constituidora da criação literária” (JOZEF, 1989, p. 13).

Juntamente com essa ânsia por encontrar nomes para as peculiaridades americanas, germinaria a mitificação de tais elementos americanos, uma vez que a descrição do que se via nem sempre coincidia com o objeto concreto na realidade; além de que, é válida para o entendimento desse processo a noção de que o mito, nestes casos, brota como “uma forma comunicativa de conservar e de significar um valor através de um símbolo ou meta-símbolo, que expressa, amplia, antecipa, fixa, esclarece, oculta ou exalta o valor do significado.” (TÁVOLA, 1985, p. 11), amarrando a palavra ao seu teor mítico e recriando a figura observada. Ou, ainda, se lembrarmos que há certo vínculo entre a consciência linguística e a consciência mítica, apontando para um signo dotado de poderes míticos (CASSIRER, 1992, p. 64).

Sendo assim, chegaríamos a alguns recursos que integrariam os relatos dessa época e que, portanto, podem ser averiguados no seu valor literário – o ponto de vista da voz discursiva, infiltrado numa perspectiva entusiasmada perante o objeto e, também, as figuras discursivas de comparação, de metáfora, de hibridismo e de sinestesia: direcionando-nos a uma análise estilística de tais textos.

O olhar encantado

O trajeto percorrido pelo discurso nos permite entrar em contato com o foco assumido pelo enunciador, no momento em que ele é construído, como também, elucida algumas peculiaridades desta figura enunciativa – seu contato com a história narrada, os objetos e seres que movimentam os atos ou o enredo. A combinação dos signos, assim, não deve ser vista como uma construção aleatória e, portanto, assume uma posição em que estariam as ferramentas que nos proporcionam a análise do ângulo de que se olha e a posição do que se conta ou se descreve.

Especificamente nos documentos escritos na época de conquista da América é possível perceber o ponto de vista do enunciador imbricado em um tom entusiasmado de alguém que entra em contato com um ser ou objeto pela primeira vez e tenta transferir ao relato a potencialidade deste encontro. O resultado, na maioria das vezes, foi o de textos carregados de expressões valorativas e comparativas:

Eu acho que não tem dinheiro que se compare. Não existe aspecto de cor nenhuma mais alegre, e como olhamos interessados as folhas verdes e as plantas, mais vemos as esmeraldas, pois nenhuma coisa verde é mais verdes do que elas, em sua comparação (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 211)¹.

E, ainda:

Quando o homem vê sua beleza [do abacaxi], alegra-se de ver sua composição e a decoração com que a Natureza o pintou e fez, tão agradável à vista para a alegria desse sentido. Cheirando-o, o outro sentido se satisfaz com um cheiro misturado com marmelos e pêssegos e melões muito finos, e ainda outras delícias mais do que todas essas frutas juntas e separadas, sem nenhum arrependimento (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 280-281)².

Nestes fragmentos de *Historia general y natural de las Indias*, a impressão do objeto descrito é marcada pela voz discursiva, partindo de uma percepção individualizada pelo contato. Seria, portanto, por meio do emprego da expressão “me parece”, que o texto assumiria um caráter menos objetivo do que costumariam ser as descrições destinadas ao conhecimento preciso. De igual maneira, esta estratégia comporia uma preocupação em explicitar o encontro e o efeito causado pela esmeralda, no agente, corroborando para esta visão pessoal e entusiasmada. A repetição dos vocábulos “no hay”, como também, o apelo ao aspecto sensorial em “como miramos de voluntad las hojas” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 211) e “ninguna cosa es más verde” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 211) aproximam o objeto da visão personalizada de quem constrói a descrição. A pedra esmeralda recebe nuances valorativas que são desvendadas, pela aplicação da análise da concepção discursiva.

No segundo fragmento, o signo que equivaleria à “piña” é perseguido, por meio do apelo a figuras sinestésicas, como podemos observar em “Mirando el hombre la hermosura de ésta” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 280), e em “Oliéndola, goza el otro sentido de un olor mixto con membrillos y duraznos o melocotones” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 281). Além disto, as

¹ No original: “me parece que no hay dinero que se le iguale. No hay aspecto de alguna color más jocundo, y como miramos de voluntad las hojas verdes y las hierbas, tanto más de grado vemos las esmeraldas, porque ninguna cosa verde es más verde que ellas, en su comparación” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 211). Todas as traduções são de Thiago Miguel Andreu e Wanderlan da Silva Alves.

² No original: “Mirando el hombre la hermosura de ésta [la piña], goza de ver la composición y adornamiento con que la Natura la pintó e hizo tan agradable a la vista para recreación de tal sentido. Oliéndola, goza el otro sentido de un olor mixto con membrillos y duraznos o melocotones, y muy finos melones, y demás excelencias que todas esas frutas juntas y separadas, sin alguna pesadumbre” (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1851, p. 280-281).

comparações com as frutas já conhecidas na Europa são posicionadas no discurso, buscando-se certa superioridade do abacaxi (*piña*), em relação a elas: mais uma faceta do foco entusiasmado e, portanto, agente no processo de ofuscamento do real.

Seria justamente por essa estilização discursiva, que o documento afastar-se-ia razoavelmente da concepção de produção histórica, assumindo particularidades de valor literário, pois acionaria uma discussão, cuja pergunta repousa na elaboração da linguagem, já que ela não mais representa ou tenta representar de maneira exata ou específica o que se descreve, mas possibilita um contato com o estilo textual, ou seja, um contato com o enunciador. Isto equivaleria à concepção de que “uma obra de arte é literária à medida que ela for mais do que um documento de sua época e local de produção” (JOZEF, 1989, p. 14), bem como, caberia nesse raciocínio, a afirmação de que “a manifestação da concretização de uma estrutura abstrata faz a singularidade do fato literário” (JOZEF, 1989, p. 14).

De forma semelhante, a hibridação cultural manifestada pela construção linguística, tomaria uma característica mais literária que histórica, como é o caso de algumas passagens de *Comentarios Reales de los Incas*, de Inca Garcilaso de la Vega, onde há uma composição discursiva em que fundem-se conceitos, tanto da cultura espanhola, quanto da incaica.

Atenção, para que não se irrite com a repetição destas palavras muitas vezes: “Nosso Pai o Sol”, pois era a linguagem dos Incas e uma maneira de veneração e obediência dizê-las sempre que nomeavam ao Sol, pois se prezavam de descender dele, e quem não fosse Inca não tinha permissão para pronunciar-las, pois seria blasfêmia e o apedreariam (GARCILASO DE LA VEGA, 1991, p. 37)³.

E, também:

Porque lá os espanhóis e as outras nações, seus circunvizinhos, visto que têm histórias divinas e humanas, sabem por elas quando seus Reis e os alheios começaram a reinar e quando os impérios se substituem uns aos outros, até sabem quantos mil anos faz que Deus criou o céu e a terra, pois sabem tudo isso e muito mais por seus livros (GARCILASO DE LA VEGA, 1991, p. 37)⁴.

Se partirmos para a análise do plano da produção, é possível afirmarmos que Garcilaso de La Vega, no primeiro fragmento, questiona-se sobre algumas particularidades da própria linguagem religiosa dos Incas, posicionando os vocábulos “Nuestro Padre” em conjunção com a figura adorada “Sol”, que, não gratuitamente encontra-se personificada pelo emprego da inicial maiúscula, no discurso. Tal atitude apontaria para as oscilações de Garcilaso, assumindo, vezes a postura do europeu e, vezes, a do ameríndio. Já no segundo excerto, confundem-se ou mesclam-se a crença espanhola (religião católica) com a incaica (politeísta), pois, se elas não coincidem em todos os aspectos, por que Garcilaso haveria de sinalizar o questionamento sobre a criação do céu e da terra por Deus, cuja referência é bíblica e não indígena? O resultante dessa

³ No original: “Adviértase, porque no enfade el repetir tantas veces estas palabras: “Nuestro Padre el Sol”, que era lenguaje de los Incas y manera de veneración y acatamiento decir las siempre que nombraban al Sol, porque se preciaban descender de él, y al que no era Inca no le era lícito tomarlas en la boca, que fuera blasfemia y lo apedrearán” (GARCILASO DE LA VEGA, 1991, p. 37).

⁴ No original: “Porque allá los españoles y las otras naciones, sus comarcas, como tienen historias divinas y humanas, saben por ellas cuándo empezaron a reinar sus Reyes y los ajenos y al trocarse unos impérios en otros, hasta saber cuántos mil años ha que Dios crió el cielo y la tierra, que todo esto y mucho más saben por sus libros” (GARCILASO DE LA VEGA, 1991, p. 37).

performance é o discurso filosófico híbrido, que teve certa predominância na América, desde o encontro entre o europeu e o indígena.

O estratagema de acionar as duas culturas, num mesmo discurso, é o ponto que nos desperta interesse nessa discussão. Devemos, portanto, atentar para o fato de que se “Inca Manco Cápac” e “Coya Mama Ocllo Huaco” constituem os “hijos del Sol y de la Luna” para os Incas, Garcilaso, ao propor em seu tratado “que Dios crió el cielo y la tierra” (GARCILASO DE LA VEGA, 1991, p. 37), marca, também, o hibridismo conceitual, na medida em que envereda para a crença de um Deus uno, abandonando, por um momento, a concepção dos dois deuses “Sol” e “Luna” da cultura indígena. Isto é, coexistem no trecho descrito as duas concepções: o que, sem dúvida, atribui certo teor literário a seu texto. Percebemos, portanto, que a noção de que “Na América Espanhola, imaginação, história e narração mantiveram sempre estreita solidariedade.” (MILTON, 2000, p. 151), teria sua gênese já nas primeiras escrituras sobre a América e que, as concepções de realidade e mitologia funcionariam como o material em que as construções discursivas se pautariam.

A instauração do discurso se faz em uma cadeia de associações que aproximam ou distanciam o que já se conhecia com o que os europeus encontravam em suas viagens. À semelhança desses processos linguísticos, as escrituras de Cristóbal Colón tecem comparações entre a realidade americana e a europeia, no intuito de documentar, tanto os seus feitos como desbravador, como também, seu contato com o desconhecido:

Dominaram o mar como o rio de Sevilha. “Graças a Deus”, diz o Almirante. Os ares muitos doces, como em Sevilha em abril, que é um prazer estar neles, de tão cheirosos que são. As plantas pareciam muito frescas; muitos pássaros do campo, e pegaram um deles, pois fugiam para o sudoeste grahas e patos e um alcatraz (COLÓN, 1986, p. 56)⁵.

A influência religiosa, de feição católica, contida na expressão “Gracias a Dios”, além das comparações entre o Novo Mundo e a Europa, marcam a posição da voz discursiva, tomando vigor em construções sinestésicas como “Los Aires muy dulces” e “tan olorosos son”. Trata-se, portanto, da figura do outro olhando para a América que perfura a linguagem, desde um ponto de vista demarcado cultural, social e geograficamente, quando são evocados “Los Aires muy dulces, como en Abril en Sevilla” (COLÓN, 1986, p. 59); isto é, a presença do vocábulo “Sevilla” elucida a perspectiva que é assumida pelo enunciador – um indivíduo, cujo repertório é europeu e, por extensão, esta figura se coloca numa perspectiva diferenciada da realidade que descreve ou pretende descrever.

Em fim, aceitavam tudo e davam de boa vontade do que tinham, mas parecia ser uma gente muito pobre de tudo. Eles andam nus como vieram ao mundo, inclusive as mulheres –, apesar de que eu não vi mais que uma, muito moça – e os que eu vi eram todos jovens, pois não vi nenhum de mais de 30 anos, muito bonitos, de belos corpos e belos rostos, os cabelos grossos quase como fios de rabo de cavalo, e curtos (COLÓN, 1986, p. 62)⁶.

⁵ No original: “Tuvieron la mar como el río de Sevilla. “Gracias a Dios”, dize el Almirante. Los Aires muy dulces, como en Abril en Sevilla, qu’és prazer estar a ellos, tan olorosos son. Pareció la yerva muy fresca; muchos paxaritos de campo, y tomaron uno, que ivan huyendo al Sudueste, grajaos y ánades y un Alcatraz” (COLÓN, 1986, p. 59).

⁶ No original: “En fin, todo tomavan y daban de aquello que tenían de buena voluntad, mas me pareció que era gente muy pobre de todo. Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mugeres, aunque no vide más de una farto moça, y todos los que yo vi eran todos mancebos, que ninguno vide de edad de más de XXX años, muy bien hechos, de muy fermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruesos quasi como sedas de cola de cavallos e cortos” (COLÓN, 1986, p. 62).

O processo de particularização do discurso pelo olhar europeu é claro neste fragmento, se considerarmos a errônea constatação de Colón, ao descrever os ameríndios como “gente muy pobre de todo. Ellos andan todos desnudos como su madre los parió” (COLÓN, 1986, p. 62). É importante, também, nesse excerto, o emprego da expressão “me pareció”, apontando para as impressões de quem descreve: recurso que se repete ao longo de seu texto. Na continuação, vemos a aproximação entre a pureza de seres paradisíacos e suas técnicas descritivas, corroborando a intenção de embelezamento do que se encontrava, pelo enunciador. A repetição do advérbio intensificador “muy” marca a passagem, sempre exaltando as características dos indígenas: “muy bien hechos, de muy fermosos cuerpos y muy buenas caras, los cabellos gruessos causi como sedas de cola de cavallos e cortos” (COLÓN, 1986, p. 62).

Uns nos traziam água; outros, coisas de comer; outros, ainda, quando viam que eu não me decidia a baixar à terra, se jogavam ao mar nadando e vinham e entendíamos que nos perguntavam se tínhamos vindo do céu. E veio um velho dentro do batelão, e todos os outros, homens e mulheres, chamavam a altas vozes: “Venham ver os homens que vieram do céu, tragam-lhes água e comida” (COLÓN, 1986, p. 65)⁷.

Neste momento, é possível perceber que a confusão feita pelos ameríndios entre o contato com os europeus e sua crença em deuses que chegariam do céu é explorada no discurso, desde uma mudança de perspectiva, no momento em que o enunciador concede a voz para um indígena: “‘Venid a ver los hombres que vinieron del cielo, traedles de comer y de beber’” (COLÓN, 1986, p. 65), demarcando outra estratégia discursiva. Portanto, “Sob a aparência de documento sólido e verdadeiro, sua escritura é uma criação peculiar, já que, como “cronista das Índias”, Cortés é, sobretudo, cronista das suas próprias façanhas” (MILTON, 2000, p. 157-158).

Resta-nos, desta forma, a seguinte indagação, por não conseguirmos alcançar os fatos e objetos daquela urdidura em sua solidez ou realidade: em que medida a intencionalidade de tais desbravadores foi a de ofuscar e exaltar os elementos encontrados justamente para que houvesse um enobrecimento de suas façanhas? Se se trata ou não de uma intenção calculada, o fato é que, neste sentido, os textos abandonaram parte do terreno do real e adentraram o imaginário-mítico que colaborou na criação de uma imagem da América, fazendo parte, a uma só vez, de sua literatura e de sua história, alimentando o universo literário de gerações posteriores, como é o caso das produções literárias em território hispano-americano, pautadas em conceitos como o realismo mágico e o realismo maravilhoso, do século XX.

Considerações finais

Tais constatações nos sugerem que, em alguns casos, o insólito ou o fascínio, que é incutido na realidade textual pelo entusiasmo do agente enunciativo perante alguns objetos, seja um produto da combinação de signos e não seja realmente um evento ou um ser sobrenatural. Orientado pelo foco embaçado do enunciador para os elementos do desconhecido ou do outro, como

⁷ No original: “Los unos nos traían agua, otros otras cosas de comer; otros, cuando veían que yo no curava de ir a tierra, se echavan a la mar nadando y venían y entendíamos que nos preguntavan si éramos venido(s) del cielo. Y vino uno viejo en el batel dentro, y otros a bozes grandes llamavan todos, hombres y mugeres: ‘Venid a ver los hombres que vinieron del cielo, traedles de comer y de beber’” (COLÓN, 1986, p. 65).

também, contando com figuras de estilização, estes eventos e objetos passariam pelo processo de construção do “efeito de encantamento” no texto, que podemos encontrar já nas primeiras produções escritas sobre a conquista da América.

Como vimos, o encontro entre o europeu e os ameríndios estabeleceu um universo marcado por um encantamento duplo. Esta visão mágica, que já apareceria nos relatos de Hernán Cortés, em seu *Los cuatro viajes. Testamento*, orientada pela suspeita de os navegadores terem encontrado o paraíso bíblico, se desdobrava em fascínio pela aparição de possíveis deuses enviados do céu, para os indígenas. Essa postura solidificaria, então, a ideia de que sempre o outro e o desconhecido atuam na construção deste imaginário real e mítico e que, neste caso, evidenciou a fusão de duas culturas distintas.

O maravilhoso se desenvolvia, desta forma, nas produções escritas sobre a América, apoiado num foco entusiasmado, assumido perante a realidade que se abria diante do europeu e do indígena; pois, hoje sabemos que não eram seres bíblicos, eram índios americanos que haviam sido encontrados; assim como não eram deuses enviados dos céus, mas, simplesmente, homens europeus que chegavam – apontando para a possibilidade de que o tempo, por vezes, nos esclarece o que tenha sido visto, anteriormente, como insólito. As descrições maravilhadadas das peculiaridades do Novo Continente, assim, possivelmente não têm hoje o mesmo impacto, mas são analisadas e compreendidas como uma postura que marcaria a incisão de olhares sobre a América, naquele momento, já que, também sabemos que uma esmeralda é, somente, uma pedra preciosa, bem como um abacaxi é, apenas, uma fruta tropical, mas que, se houver uma estruturação elaborada no processo descritivo, tais elementos possam atingir um status que provoque fascínio.

Nessa urdidura, a América tornou-se um espaço de construção e de debate sobre ela mesma, recebendo o olhar e a forma de nomear do europeu: elemento decisivo nesse processo.

A Espanha que chegou ao Novo Mundo nos barcos dos descobridores e conquistadores nos deu, ao menos, a metade do nosso ser. Não é surpreendente, assim, que nosso debate com a Espanha tenha sido e continue sendo tão intenso. Pois se trata de um debate com nós mesmos (FUENTES, 1992, p. 15)⁸.

A América, nesse trajeto, fora marcada por visões que fazem parte da concepção mítica que perdura até hoje, e que, porventura, tenha funcionado como fomento para algumas das produções fantásticas e mágico-realistas do século XX. O jogo discursivo, fundado pela fusão das culturas europeia e indígena transformou-se em uma espécie de paradigma em que se encontraria a raiz do indivíduo hispano-americano e seu legado frente ao mundo em descoberta: tanto ao olhar-se a si mesmo, quanto quando é observado pelo outro.

ANDREU, T. M. The mythification of America: Considerations about discourse in the Conquest period. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 4, n. 1, p. 108-116, 2012. ISSN 2177-3807

⁸ No original: "La España que llegó al Nuevo Mundo en los barcos de los descubridores y conquistadores nos dio, por lo menos, la mitad de nuestro ser. No es sorprendente, así, que nuestro debate con España haya sido, y continúe siendo, tan intenso. Pues se trata de un debate con nosotros mismos" (FUENTES, 1992, p. 15).

Referências

CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*. Trad. J. Guinsburg e Míriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COLÓN, C. *Los cuatro viajes. Testamento*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO, G. *Historia general y natural de las Indias*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851.

FUENTES, C. *El espejo enterrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GARCILASO DE LA VEGA, I. *Comentarios Reales de los Incas*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1991.

JOZEF, B. *História da literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LEÓN-PORTILLA, M. *Trece poetas del mundo azteca*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1975.

MILTON, H. C. *Narrativa e imaginário na América Espanhola*. **Itinerários**, Araraquara, n.º. 15/16, p. 151-161, 2000. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/3442>>. Acesso em 17/03/2012.

PERRONE-MOISÉS, L. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, n. 30, p. 245-259, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014199700200015>. Acesso em 25/11/2011.

TÁVOLA, A. *Comunicação é mito: televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Recebido em 03/02/2012; Aprovado em 05/04/2012